

## PETRÓLEO E NACIONALISMO NA ARGENTINA KIRCHNERISTA (2003-2015)

*OIL AND NATIONALISM IN KIRCHNERIST ARGENTINA (2003 - 2015)*

Bruno Henz Biasetto<sup>1</sup>

<sup>1</sup>York University (YORKU), Toronto, Ontário, Canadá. E-mail: [biasetto@yorku.ca](mailto:biasetto@yorku.ca) . ORCID:  
<https://orcid.org/0000-0002-5214-3535>

Recebido em: 20/04/2023 | Aceito em: 23/09/2023.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0



## RESUMO

Este artigo explora a complexa relação entre os recursos de petróleo e o surgimento do nacionalismo e discurso populista na Argentina durante os anos do governo de Nestor e Cristina Fernandez de Kirchner. Analisando as dinâmicas sociopolíticas, políticas econômicas e retórica em torno do petróleo, descobrimos como o controle e a exploração desse recurso estratégico se tornaram um ponto focal para fomentar sentimentos nacionalistas. O estudo demonstra como o Kirchnerismo utiliza estrategicamente o petróleo para impulsionar suas agendas políticas e consolidar o apoio entre a população argentina, remodelando, em última instância, a identidade da nação e o cenário político.

**Palavras-chave:** Nacionalismo; Petróleo; Kirchner.

## ABSTRACT

This paper delves into the intricate relationship between oil resources and the emergence of nationalism and populist discourse in Argentina during the Nestor and Cristina Fernandez de Kirchner years. Analyzing the socio-political dynamics, economic policies, and rhetoric surrounding oil, we uncover how the control and exploitation of this strategic resource became a focal point for fostering nationalistic sentiments. The study demonstrates how Kirchnerism strategically harnessed oil to bolster their political agendas and consolidate support among the Argentine populace, ultimately reshaping the nation's identity and political landscape.

**Keywords:** Nationalism; Oil ; Kirchner.



## INTRODUÇÃO

Em uma agitada manhã de maio de 2012, a presidente Cristina Fernández de Kirchner reunia uma multidão na Casa Rosada para fazer um anúncio bombástico: o governo argentino nacionalizava a YPF (Yacimientos Petrolíferos Fiscales), a maior empresa do país. Em meio as múltiplas incertezas geradas pelo gesto abrupto do governo argentino, Cristina reafirmava aos seus cidadãos que era o “seu dever como chefe de Estado proteger os interesses da nação contra estrangeiros mal-intencionados” (Cristina Fernandez de Kirchner, 2022). Petróleo e nacionalismo sempre estiveram fortemente ligados na história Argentina, e durante o período Kirchnerista (2003-2015) isso não foi diferente.

Dessa forma, o objetivo central deste artigo é analisar como o sentimento nacionalista afetou a política no setor de petróleo e gás durante a Era Kirchner. É importante enfatizar que esta análise pretende ir além de uma visão mais vulgarizada do fenômeno do nacionalismo e o seu impacto sobre a questão do petróleo. Particularmente, no caso argentino, existe todo um contexto que envolve o Peronismo e a construção do tecido sociocultural argentino. Assim, aqui também se objetiva demonstrar como que esse pano de fundo afetou a tomada de decisão do Kirchnerismo em relação a questão do petróleo.

Em seu trabalho seminal sobre petróleo e nacionalismo na Argentina, Carl Solberg (1979) identificou as raízes de um relacionamento complexo entre o governo e as companhias estrangeiras do setor de energia. As questões relativas ao petróleo parecem ter o poder de mexer profundamente com o senso de orgulho e pertencimento a um determinado país, algo que fica bastante evidente no caso argentino. Diante da importância do petróleo como matriz energética, é natural que este recurso estratégico também se torne um elemento crucial no jogo político.

A conexão entre populismo e peronismo é de importância para este artigo, pois é dentro dela que se forma a política econômica nacionalista que vai afetar diretamente o setor energético. À medida que a versão do Peronismo encarnada pelos Kirchner retoma as ideias nacionalistas de Peron, a consolidação de um robusto setor energético nacional



ganhou importância. E mais do que isso, da mesma forma que Peron nos anos 50, os Kirchner utilizaram com sucesso a questão do petróleo para assegurar o êxito do seu projeto político. E, por fim, existe a questão final que permeia esta análise: a política nacionalista do Kirchnerismo fortaleceu o setor petrolífero na Argentina?

No que diz respeito a metodologia utilizada para este trabalho, ela é bastante ampla e multifacetada. Para a análise apropriada de uma questão tão ampla, se faz necessário o uso da técnica de análise de conteúdo, tal qual definida por Laurence Bardin (1979). Desta forma, esta técnica permitiu uma leitura orientada das fontes escritas (bibliografia, imprensa e discursos) centradas em três categorias: Kirchnerismo, Nacionalismo e Petróleo. Além disso, a análise de bancos de dados do governo argentino e da Administração de Informação Energética (EUA) complementam a análise bibliográfica aqui realizada. Por fim, dados financeiros disponibilizados pela própria YPF e por portais especializados ajudam a entender a situação financeira da YPF nos últimos vinte anos.

Para que esses questionamentos possam ser respondidos, este artigo se divide em dois capítulos com temáticas distintas, porém complementares. No primeiro segmento aspectos mais teóricos relativos ao nacionalismo argentino e o Peronismo serão trabalhados. Outro elemento essencial do primeiro segmento é uma breve análise conceitual do Kirchnerismo, principalmente refletindo sobre de que forma os Kirchner reelaboram o Peronismo no século 21.

Já no segundo segmento o foco vai estar na análise das políticas para o setor de petróleo e gás durante a Era Kirchner. Além de uma análise dos principais episódios, como a expropriação da YPF e a descoberta da gigantesca reserva de petróleo e gás de Vaca Muerta, o papel do nacionalismo como estratégia política também será contemplado. Por fim, a compreensão de como nacionalismo, petróleo e Kirchnerismo estão interligados e como eles expressam a face de uma estratégia desenvolvimentista, também estão entre as temáticas de interesse deste segmento.



## O SER ARGENTINO: PETRÓLEO, PERONISMO E NACIONALISMO

Desde o século 19, a questão em torno do desenvolvimento do território argentino gerava discussões entre as elites que iam além dos dilemas políticos e econômicos. De um lado estava a elite portenha, que vislumbrava uma Argentina branca, europeia, liberal e cosmopolita. Em oposição a essa visão de mundo estava uma outra denominada “essencialista”, que percebia na figura do gaúcho dos pampas uma figura mítica e original na construção identitária nacional (DeLaney, 2020). Além disso, o etos ibérico, o catolicismo e a desconfiança em relação aos estrangeiros eram características desta segunda vertente.

Aqui, é necessário destacar que entendimento de nacionalismo utilizado neste trabalho se baseia nas obras de Hobsbawm e Ranger (2012) e Benedict Anderson (1985) sobre o tema. Dentro dessa perspectiva, o nacionalismo é um fenômeno social moderno, que se acentua nas sociedades industrializadas. Neste contexto, tradições e comunidades são elementos “inventados” com base em traços culturais difusos existentes um certo território. Somado a isso, existem os interesses de diferentes elites na predominância de uma visão singular de nação, conforme os seus objetivos em uma determinada conjuntura histórica. Assim, o nacionalismo petrolero verificado na Argentina desde meados do século 20 pode ser entendido como um subproduto de um fenômeno sociocultural mais amplo.

Entre 1880 e 1914, durante o ápice econômico argentino, pode-se dizer que a ideia de nação portenha-liberal predominou. À medida em que o país crescia e se desenvolvia em um ritmo avassalador, uma Argentina liberal e integrada à economia global parecia algo natural. No entanto, a crise econômica causada pela interrupção do comércio com a Europa entre 1914 e 1918 acabou por questionar o modelo vigente (Bethell, 1993). Diversos círculos intelectuais começaram a defender que o pensamento liberal e a presença estrangeira no país eram as duas maiores ameaças à soberania nacional (DeLaney, 2020).

Dessa forma, se consolidava ao fim dos anos 1910 uma terceira vertente de pensamento nacionalista, que ganhava força dentro dos círculos intelectuais de esquerda. Entre esses círculos um merece destaque; a Fuerza de Orientación Radical de



la Joven Argentina (FORJA). Fundada em 1931 pelo líder da União Cívica Radical (UCR) Hypolito Yrigoyen, a FORJA criava as bases intelectuais do que seria a visão de nação defendida pelo Peronismo (DeLaney 2020). Em seu trabalho sobre o nacionalismo na Argentina, Jeane DeLaney (2020) atribui uma grande importância à FORJA. Para a historiadora, a FORJA acabou criando uma terceira vertente de identidade nacional que rejeitava categoricamente o liberalismo. O tipo de nacionalismo proposto pela FORJA começou a ganhar espaço a partir da crise de 1929. Com o golpe de 1930, que derrubou o presidente Hypólito Yrigoyen, um grupo de militares e civis conservadores assumiu o poder. Apesar das sólidas credenciais conservadoras de lideranças por trás do golpe, ideias nacionalistas da FORJA ganharam tração no plano de governo.

De acordo com Solberg (1979) e Gadano (2006), a exploração de petróleo na Argentina, que desde 1907 seguia uma matriz liberal, acabou sendo afetada pelas novas tendências. A fundação da YPF, em 1922, já sinalizava que uma parte da elite desejava uma presença maior do capital nacional no setor petrolífero. Os choques econômicos vindos do exterior em 1914 e 1929 mobilizaram a elite nacionalista argentina para a necessidade da industrialização. Além disso, deve-se destacar a peculiaridade do nacionalismo petrolífero argentino, tal qual descrito por Dachevsky (2022). Nesta lógica, o controle do território nacional era o tema preponderante, e não a expropriação de capital privado. Dentro deste novo projeto nacional, a soberania argentina sobre o petróleo era tida como estratégica.

Essa importante mudança na concepção do mercado de petróleo é abordada de uma forma mais ampla por Griffin (2015). Em seu trabalho, Griffin afirma que existem basicamente duas abordagens para o desenvolvimento do setor petrolífero: commodity ou um recurso estratégico. Dentro da perspectiva commodity, de viés liberal, o petróleo é um recurso voltado para a máxima eficiência de acordo com as leis do mercado. Já quando o petróleo é visto como um recurso natural, o setor deve ser submetido à lógica do desenvolvimento nacional, afirmando a soberania nacional e o intervencionismo. Nesta segunda vertente, o Estado é mais do que um mero regulador, ele é o grande gestor, e esta gestão se dá através de estatais de petróleo.



Tendo em vista a análise de Gadano (2006) e Dachevsky (2014), o período entre 1922 e 1955 é de fundamental importância para a consolidação do setor petrolífero na Argentina. Foi neste momento em que a Argentina acabou fazendo a virada na matriz do setor de energia fóssil, considerando o petróleo como um recurso estratégico. Diferentes governos, antes mesmo da chegada de Peron ao poder, consolidaram esta diretriz. Isso se refletiu diretamente na forte expansão das atividades da YPF sob a gestão de Enrique Mosconi e na inauguração da refinaria estatal de La Plata (1932), à época uma das maiores do mundo (Solberg 1979).

Em 1946, quando Peron assumiu a presidência, havia uma convergência de interesses que favorecia uma política energética nacionalista. Para Grimson (2014), Peron soube unificar diferentes segmentos da sociedade argentina. Além disso, Peron foi capaz de criar uma poderosa mensagem nacionalista e populista que adotava muitos dos princípios defendidos pela FORJA, tais como o antiliberalismo (Grimson, 2014). De acordo com DeLaney (2020), Peron defendia o surgimento de uma “Argentina profunda, escondida.” Na visão de nação imaginada por Peron, essa Argentina “autêntica” se pautava pela valorização da cultura local. Além disso, essa ideia de nação encontrava a sua plena realização na autonomia econômica, no desenvolvimentismo e no antiliberalismo. Assim, a Argentina Peronista consolidaria aquilo que o seu líder denominava “el regreso a lo nuestro” (Delaney, 2020).

O peronismo e o nacionalismo têm uma relação complexa e interligada, especialmente no contexto da política argentina. O peronismo, uma ideologia política inspirada nas ideias de Juan Domingo Perón, tem sido a força dominante na política argentina desde meados do século XX. Na sua essência, o peronismo enfatiza a justiça social, os direitos trabalhistas e o bem-estar da classe trabalhadora. O nacionalismo, por outro lado, centra-se na promoção de uma identidade nacional forte, muitas vezes enfatizando o patriotismo, a tradição e a soberania. Na Argentina, o peronismo incorpora elementos nacionalistas, criando uma mistura única que influencia o cenário político do país.

Ao falarmos de peronismo, também é essencial retomar o conceito de populismo. Neste artigo, a ideia de “populismo inclusivo” tal qual definida por Mudde e Kaltwasser



(2012), norteia a análise sobre o kirchnerismo. De forma complementar, a ideia de populismo trazia por Dornbusch e Edwards (1991), colabora para um entendimento mais profundo da relação entre política e economia na era Kirchner. Para estes acadêmicos, o populismo adota um modelo econômico voltado para o crescimento e a distribuição de renda, mas que subestima os problemas derivados do déficit público e da inflação. Especialmente os dois últimos itens citados são de grande importância para a compreensão dos fatores que conduziram o kirchnerismo a implementar uma estratégia nacionalista e populista na questão energética.

Paradoxalmente, a YPF não teve uma grande expansão durante a presidência de Peron, mas ele habilmente transformou a empresa em um símbolo peronista (Solberg, 1979). A plataforma econômica do Peronismo, baseada no desenvolvimentismo, tinha no petróleo um recurso estratégico vital. Para Solberg (1979) e Gadano (2006), Peron estabeleceu de forma efetiva uma conexão entre petróleo, nacionalismo e o povo argentino, deixando um poderoso legado para o movimento. Toda vez que o assunto petróleo é evocado, o Peronismo tem uma espécie de monopólio moral sobre o tema, com reflexos na política argentina até os dias atuais.

Apesar de toda retórica nacionalista em torno do tema do petróleo, Peron estava insatisfeito com a performance da YPF. O modelo desenvolvimentista exigia um consumo intensivo de energia. Diante desse cenário complexo, Peron ofereceu contratos de exploração de petróleo para empresas que ainda não atuavam no país. Solberg (1979) enfatiza que tal plano foi controverso à época, mas acabou sendo interrompido pelo golpe militar de 1955. No fim, o que ficou enraizado na memória coletiva foi o Peron defensor da YPF e do petróleo argentino.

Em 1989, quando o Peronismo retornou ao poder, se esperava que as estatais seriam fortalecidas. Entretanto, Carlos Menem tinha outros planos. Ao assumir a presidência, ele implementou reformas neoliberais drásticas. Especialistas nas reformas dos anos 90, como Shever (2012) e Ceppi (2018), apontam para os aspectos contraditórios da privatização de Menem. Se por um lado, o setor petrolífero argentino recebeu um volume considerável de investimentos, as demissões em massa nas estatais privatizadas devastaram comunidades inteiras ao redor do país (Shever, 2012). Aqui existe uma



questão que transcende a tecnicidade das reformas feitas por Menem: como que o Peronismo manteve a sua hegemonia moral na questão do petróleo mesmo depois das privatizações? Nesse sentido, Brennan (1998) talvez possua a resposta mais certa quando ele afirma que uma das forças do Peronismo é a sua habilidade de ser multifacetado.

Em 1999, a empresa espanhola Repsol adquiriu a YPF em uma operação que custou US\$ 13 bilhões (Financial Times, 2005a, p.18). A Petrobras comprou em 2002 a Perez Companc, que era a segunda maior empresa argentina no segmento de petróleo e gás. Logo após assumir a presidência, Duhalde congelou o preço dos combustíveis, afetando os lucros das petroleiras no país. Após a crise de 2001, os investimentos no setor petrolífero se encontravam virtualmente paralisados. Em meio a um cenário desafiador, os dirigentes dessas empresas sequiosamente esperavam pelas eleições de 2003 para que houvesse uma definição com relação ao futuro do setor.

Em uma eleição bastante tumultuada, onde o Peronismo estava dividido, Nestor Kirchner obteve uma surpreendente vitória. Nestor havia ganhado um certo destaque nacional nos anos 90, como governador da província de Santa Cruz, na Patagônia Argentina. Durante o seu período à frente da província, ele governou de forma pragmática, priorizando políticas de investimento e estabilidade fiscal (Grimson, 2019). Com o apoio do presidente interino Eduardo Duhalde, ele foi capaz de chegar à presidência em 2003 (Cantamutto, 2017).

Ao tomar posse, havia poucos indícios que Nestor Kirchner seria capaz de reinventar o Peronismo. Existe uma consonância entre acadêmicos que estudam o Kirchnerismo, que essa vertente política deve ser analisada tendo em vista a fraqueza inicial da sua base de poder. Cantamutto (2017) explica essa situação se deu porque Nestor venceu a eleição com apenas 23% dos votos, já que não houve um segundo turno. Por sua vez, Schuttenberg e Rosendo (2015) demonstram como Nestor Kirchner foi bastante hábil em construir uma narrativa baseada na oposição ao menemismo e o neoliberalismo, consolidando a sua influência sobre o partido. Gerchunoff e Kacef (2018) também enfatizam que a prioridade de Nestor inicialmente era a expansão da sua base de poder dentro e fora do partido.



No decorrer do seu primeiro mandato, o Kirchnerismo exitosamente ampliou a sua base e aos poucos os seus contornos ideológicos se tornaram mais evidentes. Nesse sentido, o trabalho de Cantamutto (2017) é essencial para a compreensão desta fase do Kirchnerismo. A partir de 2005, Nestor e Cristina Kirchner resgataram a ideia de um nacionalismo populista existente no princípio do Peronismo. Conforme a análise de Bilmes et al. (2022), a ideia de uma liderança carismática assume uma importância maior na conquista de capital político a partir deste momento. Ao absorver ideias de seus antecessores, o Peronismo Kirchnerista aponta para um “ser argentino único”, que se constrói em oposição as influências estrangeiras (DeLaney, 2020). Essa visão de mundo, que ganhou ainda mais força durante a presidência de Cristina Kirchner (2007-2015), teve um impacto significativo sobre a formulação de políticas para o setor de energia.

Por fim, se faz necessário mencionar alguns aspectos teóricos relativos à indústria de petróleo contemporânea e ao impacto do modelo extrativista. O trabalho realizado por Yergin (2012) e Griffin (2017) analisa detalhadamente as questões estruturais que envolvem uma estatal de petróleo na atualidade. Para Yergin (2012), à medida que as estatais retomaram o controle do mercado internacional de petróleo, nos anos 1970, elas optaram por diferentes estratégias de inserção internacional. Já Griffin aponta que caso o governo tenha postura mais isolacionista, priorizando exclusivamente a economia nacional, ele pode enfrentar uma série de obstáculos para o desenvolvimento energético. (Griffin, 2017). As questões levantadas nas obras aqui abordadas serão importantes para compreender como se deu a ligação entre petróleo e nacionalismo no Kirchnerismo, que será analisada no próximo segmento.

## A RETOMADA: O PETRÓLEO COMO UM INSTRUMENTO DE NACIONALISMO NA ERA KIRCHNER

Nestor Kirchner herdou de Menem uma das legislações mais liberais do mundo no setor extrativista (Del Pilar, 2014). Empresas no setor de petróleo, gás e mineração gozavam de diversos benefícios para realizarem investimentos na Argentina. A culminância da política neoliberal de Menem para o setor ocorreu em 1999 com a aquisição da YPF pela empresa espanhola Repsol. Os altos preços pagos pelos ativos



argentinos (a aquisição da YPF custou US\$ 13 bilhões), mesmo diante do baixo preço do petróleo ao final dos anos 90 (US\$ 19/barril em 1999), refletia o otimismo dos investidores com o potencial energético do país.

Diante das incertezas que pairavam em 2002 e 2003, as empresas de petróleo e gás diminuíram os investimentos. Ainda em 2002, o presidente interino Eduardo Duhalde decretou o congelamento dos preços dos combustíveis tendo em vista ajudar a população. Era essencial para Duhalde fazer este aceno ao povo argentino, já que a taxa de desemprego era alta e boa parte da população havia perdido parte (ou toda) a sua renda com a acentuada desvalorização da moeda ocorrida em 2001 (Gerchunoff e Kacef, 2018).

Nessas circunstâncias, Nestor Kirchner optou por manter o congelamento de preços iniciado por Duhalde. Na ocasião, não houve por parte das empresas de petróleo um protesto formal. As gigantes internacionais, em especial a Repsol e a Petrobras, esperavam que tal medida facilitasse a retomada do mercado interno. Para ambas, a normalização era essencial diante dos altos investimentos realizados no país ao final dos anos 90.

Em 2005, a economia Argentina parecia estar se recuperando em um ritmo que surpreendia até mesmo aos analistas mais pessimistas. De acordo com Wylde (2012), essa retomada estava assentada principalmente na expansão das exportações agrícolas. Wylde (2012) explica que o aumento da demanda chinesa pelas commodities agrícolas reaqueceu a economia argentina. Naquele ano, o PIB do país cresceu 8.9% e o superavit das contas públicas chegou a 4.4% do PIB (Clarín, 2005).

A retomada econômica permitiu que Nestor Kirchner aumentasse a sua popularidade e legitimidade. Assim, o presidente expandiu a sua base de poder junto aos sindicatos e as comunidades nos arredores de Buenos Aires (Cantamutto, 2017). Nestor entendia que para exercer controle sobre o Peronismo de forma mais ampla, era urgente o estabelecimento da sua própria base. A adoção de uma série de políticas de assistência social, somadas a novas medidas de fortalecimento do poder sindical, colaborou para que Nestor consolidasse a sua liderança dentro de um partido historicamente fragmentado.



No entanto, além de medidas práticas, era necessário oferecer aos argentinos uma mensagem provida de um simbolismo mais forte. É nesse momento que o nacionalismo e o populismo foram trazidos novamente para o centro da política argentina. Tal como argumentado por Candeas (2017), essa retomada nacionalista foi a “vingança de Nestor contra o Peronismo conservador.” Assim, conforme Bilmes et al. (2022), Nestor Kirchner foi capaz de criar uma narrativa efetiva de ruptura com o menemismo, consolidando uma liderança carismática de natureza populista. Nesse sentido, Nestor encontrou no nacionalismo econômico um trampolim para a articulação do que viria a ser chamado de Kirchnerismo.

Um dos setores onde o presidente pôde estabelecer esta visão foi justamente o de petróleo e gás. Em 2005, após um relaxamento parcial do congelamento dos preços dos combustíveis, diversas empresas do setor promoveram reajustes significativos (Shever 2012). A justificativa das empresas, especialmente a Shell, era que por causa dos anos de congelamento associado ao aumento do preço do barril no mercado internacional (US\$ 54/barril), a medida se justificava. Contudo, uma série de protestos em Buenos Aires contra os aumentos deu à Nestor a oportunidade que ele precisava para começar a estabelecer uma retórica populista.

Diante dos crescentes protestos liderados por movimentos populares, Nestor Kirchner se pronunciou de uma forma contundente contra as empresas de petróleo. Ele denunciou as multinacionais do setor como entidades estrangeiras que agiam contra os interesses do povo argentino (Shever 2012). Nestor habilmente não decretou um novo congelamento dos combustíveis, mas multou severamente a Shell, o que levou as outras empresas a limitarem os seus aumentos. Além disso, o presidente anunciou a sua intenção de fortalecer a recém-criada estatal de petróleo (ENARSA), que fazia parte de uma nova estratégia para o setor de energia, onde o Estado seria novamente um protagonista.

A polêmica em torno dos preços dos combustíveis foi importante para Nestor Kirchner consolidar a sua liderança. Acima de tudo, se estabeleceu o retorno de um tipo de nacionalismo populista que existia nos princípios do Peronismo, onde o estrangeiro era percebido como um obstáculo ao desenvolvimento e a justiça social. Essa vertente



antiliberal e nacionalista, estava também presente no pensamento de um segmento do Peronismo conhecido como “La Campora”, que foi essencial para a formação intelectual de Nestor e Cristina na universidade de La Plata nos anos 70 (Candeas, 2017) e nas reuniões do Grupo de Calafate no final dos anos 90 (Schuttenberg e Rosendo, 2015)

Mesmo flertando com políticas populistas e nacionalistas, Nestor Kirchner ainda agia com relativa prudência no campo econômico. Durante quase todo o seu mandato ele manteve Roberto Lavagna como ministro da economia. A sua gestão à frente da economia foi bastante elogiada, e Lavagna era tido como um dos responsáveis pela recuperação econômica argentina (Gerchunoff, 2018). Contudo, à medida que Nestor aumentava o seu controle sobre o partido e implementava uma agenda mais à esquerda defendida pela “La Campora”, as tensões entre ele e Lavagna aumentavam, o que redundou na sua saída do governo em novembro de 2005 (Gerchunoff, 2018).

Durante a segunda metade de seu mandato, Nestor Kirchner seguiu apostando no exercício de uma liderança carismática populista. A ideia de que o presidente era um defensor dos interesses populares contra o neoliberalismo das elites se fortalecia. O trabalho da antropóloga Elana Shever capturou a essência deste sentimento dentro do setor petrolífero. Em diversas comunidades do interior da Argentina, onde muitas vezes a YPF era o maior empregador, a privatização da empresa havia tido um efeito devastador. Nos anos 90, a YPF demitiu ou aposentou mais de 40.000 trabalhadores, em uma medida radical para cortar custos (Shever, 2012). Se essa medida permitiu a empresa retomar a sua lucratividade, ela criou um gigantesco ressentimento na população das provinciais petroleiras em relação as elites portenhas.

O sentimento de revolta e frustração descritos por Shever era compartilhado pelos antigos funcionários, que tiveram que criar empresas terceirizadas para garantirem a sua sobrevivência. Enquanto inúmeros trabalhadores se adaptaram e prosperaram nessa nova realidade, outros sucumbiram. (Shever 2012). Em Buenos Aires também ecoava um sentimento parecido ao verificado no interior. A comunidade de Dock Sud, em Avellaneda (grande Buenos Aires), onde está localizada a maior refinaria da Shell no hemisfério sul, vivia uma situação surreal. Em meados da década de 2000, a maioria dos trabalhadores



da Shell em Dock Sud dependia de subsídios do governo para adquirir gasolina, diesel e gás de cozinha (GLP) (Shever 2012).

Em resumo, havia um nível de descontentamento generalizado na Argentina em relação ao setor corporativo de petróleo e gás. Este descontentamento se aplicava também a outros serviços que haviam sido privatizados na década de 90. De acordo com o jornal Financial Times, uma pesquisa realizada junto ao povo argentino revelava que a maioria dos entrevistados desejava um papel maior do Estado na economia (Financial Times, 2005b, p.13). Os entrevistados apontavam que os constantes aumentos de tarifas eram a principal fonte de insatisfação. E até mesmo o próprio Financial Times, publicação notoriamente liberal, argumentou que muitos dos aumentos eram de fato abusivos e baseados em uma regulamentação pouco transparente (Financial Times, 2005b, p.13).

Esse descontentamento é um fator importante, pois explica o apoio à política nacionalista executada pelo Kirchnerismo. Talvez Nestor Kirchner tenha sido o primeiro político argentino dos anos 2000 que percebeu que esse descontentamento poderia se transformar em capital político através de uma estratégia populista. Conforme Grimson (2019), à medida que Nestor ampliava a sua base de poder, expandia a retórica nacionalista. A vitória de Cristina Kirchner nas eleições presidenciais de 2007 e o conflito com os grandes produtores agrícolas por causa do imposto de exportação (retenciones) consolidaram um projeto político de cunho desenvolvimentista, populista e nacionalista.

No setor energético, a presidência de Cristina Kirchner (2007-2015) reforçou a política de subsídios à eletricidade e combustíveis, que chegaram a quase 2% do PIB no período anterior a 2010 (Einstross, 2021). Enquanto o valor das exportações argentinas permanecia alto no mercado internacional, o governo era capaz de subsidiar a energia. As empresas do setor, por sua vez, afirmavam que os subsídios e o imposto de exportação sobre o petróleo afetavam os investimentos. Além do mais, a compensação repassada às empresas pelo governo federal em virtude dos subsídios não cobria os custos com a importação de energia, manutenção e tecnologia (Einstross, 2021).

A falta de investimentos privados no setor petrolífero argentino incomodava profundamente o governo Peronista. Lentamente, os Kirchner aumentaram a pressão sobre as líderes do setor (Financial Times, 2005a, p.18). Em 2008, a iniciativa gerou



resultados, quando a Repsol/YPF anunciou que estava disposta a abrir uma parte do seu capital para novos investidores (Economist, 2008, p.86). O grupo Eskenazi, liderado pelo banqueiro argentino Enrique Eskenazi, adquiriu 14% do controle acionário da Repsol/YPF por US\$ 2.3 bilhões.

Com a chegada de Eskenazi ao corpo executivo da maior empresa argentina, Nestor esperava que a sua amizade de longo prazo com o banqueiro fosse ser útil na implementação de uma agenda ambiciosa na YPF (Economist, 2008, p.86). A Repsol, por sua vez, aceitava a participação de Eskenazi na empresa, já que os espanhóis desejavam manter boas relações com o Kirchnerismo. Além disso, a pressão pública exercida pelo casal Kirchner, pelos movimentos populares e pela mídia alinhada ao Peronismo já estava causando danos à Repsol.

Antônio Brufau, diretor da Repsol desde 2004, acreditava que a compra da YPF havia sido um erro. (Financial Times, 2005a, p.18). Brufau afirmava que o nacionalismo populista dos governos de esquerda afetava o “bom ambiente de negócios na região” (Financial Times, 2005, p.18). Além disso, as reservas da Repsol/YPF na Argentina eram menos prolíficas do que o esperado. Portanto, mesmo que as operações da Repsol/YPF fossem lucrativas, rendendo em torno de US\$ 1.3 bilhão em dividendos anuais, os espanhóis desejavam vender a YPF (Economist, 2009, p.68).

Neste momento, duas forças estavam agindo em convergência: o sonho dos Kirchner em nacionalizar a YPF e o desejo da Repsol de sair do país. Tudo se encaminhava para uma futura compra da YPF por parte do governo argentino, ou, por um grupo de investidores apoiados pelo Kirchnerismo. No entanto, a crise financeira de 2008 mudou drasticamente a situação, o que levaria ao episódio mais marcante da relação petróleo e nacionalismo na Argentina; a nacionalização da Repsol/YPF em 2012 (Koziner e Zunino E., 2013).

Com a economia global em recessão profunda, ficou difícil para o governo argentino manter os chamados “superávits gêmeos”, que eram os pilares do esquema que sustentava os subsídios ao setor de energia. Diante de um cenário onde os subsídios custavam 4.2% do PIB em 2010, o governo se via em uma situação difícil. Dessa forma, o



governo desejava que as empresas aumentassem a produção nacional de petróleo e gás, consequentemente diminuindo as importações (Economist, 2011, p.81).

Outro fator importante na nacionalização da YPF foi a morte repentina de Nestor Kirchner, em junho de 2010. O falecimento retirou de cena a grande figura do Kirchnerismo, e obrigou Cristina Kirchner a sair da sombra de Nestor e liderar o Peronismo (Grimson, 2019). De acordo com Grimson (2019), Cristina foi habilidosa em entender que caso ela não preenchesse a lacuna deixada por Nestor, alguém de fora do Kirchnerismo poderia fazê-lo. Assim, se fazia necessário reafirmar o discurso político que sustentava a base de poder dos Kirchner, e a retórica populista era essencial neste contexto. Cristina habilmente trabalhou a imagem de Nestor como um “mártir da causa popular”, expandindo assim o seu próprio capital político (Bilmes et al., 2022). Além disso, a presidente aprofundou a retórica nacionalista e antiliberal, criando em torno de si os elementos necessários para o surgimento de uma nova liderança carismática.

E, por fim, um estudo geológico feito pelo Departamento de Energia dos Estados Unidos apontou que a jazida de Vaca Muerta, localizada no oeste da Argentina, estava entre as 5 principais do mundo (Ceppi, 2018). Com 30.000 km<sup>2</sup> de extensão, reservas de gás estimadas 8.7 trilhões de metros cúbicos e 16 bilhões de barris de petróleo, o relatório confirmava o otimismo argentino em relação a reserva (EIA, 2023). Vaca Muerta tinha o potencial de transformar a Argentina em uma líder mundial no setor de petróleo e gás. Assim, Cristina Kirchner acreditava que era uma questão de Razão de Estado o controle estatal sobre Vaca Muerta, e consequentemente, sobre a YPF.

Combinados, todos esses fatores foram decisivos para a nacionalização da YPF em 2012. Entretanto, na memória coletiva, esse episódio foi relacionado apenas a uma questão nacionalista. Esse fenômeno pode ser explicado à medida que a retórica populista e nacionalista foi o instrumento de pressão utilizado pelo Kirchnerismo para justificar a medida e angariar apoio político. Desde o princípio, a Repsol foi apresentada como mais uma multinacional interessada apenas em lucrar ao invés promover o desenvolvimento da Argentina.

O conceito de nacionalismo existente no Kirchnerismo se alimentava do pensamento Peronista original. O antiliberalismo e a ojeriza as elites presentes nas origens do



populismo peronista, foram reutilizados por Cristina Kirchner em seus discursos antes e durante a nacionalização. O Kirchnerismo conseguiu de forma bastante exitosa construir uma narrativa que apresentava a nacionalização como algo maior que uma mera medida econômica. A retomada da YPF era tida como uma manifestação da vontade popular, e uma luta que evocava a essência do que significa ser argentino.

A ênfase em uma retórica nacionalista e populista por parte do Kirchnerismo também pautou a cobertura da imprensa na Argentina e no exterior. Os trabalhos que analisam a percepção da imprensa argentina atestam que a cobertura enfatizou a questão nacionalista, em detrimento dos aspectos técnicos. Por exemplo, o periódico “Página 12”, alinhado com o Kirchnerismo, fez uma série de capas especiais com a bandeira argentina e o símbolo da YPF (Koziner e Zunino E., 2013). A nacionalização era saudada como uma “reconquista”, e foi até mesmo comparada a guerra de independência contra a Espanha no século 19 (Koziner e Zunino E., 2013).

Já os jornais de oposição, como o La Nación e o Clarín, tinham como principal linha editorial o argumento de que a nacionalização era prejudicial a economia do país, pois afastaria investidores estrangeiros (Koziner e Zunino E., 2013). Nessas publicações portenhas e defensoras de um ideário liberal, a postura peronista foi apresentada como “aventureira e isolacionista” (Koziner e Zunino E., 2013). Aqui, percebe-se claramente o choque entre duas visões de mundo na Argentina; de um lado o nacionalismo Peronista, defensor de um ser argentino único, com foco na soberania nacional. De outro lado, a ideia de uma Argentina liberal e globalizada, tal qual defendida pela elite portenha desde meados do século 19.

Inicialmente, a nacionalização da YPF acabou sendo uma vitória para Cristina Kirchner. O fato de que a expropriação foi conduzida sem grandes retaliações por parte da Espanha e da União Europeia, acabou reafirmando a liderança da presidente. Além disso, fortaleceu a posição do Kirchnerismo na política argentina. Conforme afirmaram Candeas (2017) e Reato (2021), a nacionalização da YPF também consolidou a presença dos blocos de esquerda dentro do Peronismo Kirchnerista. Cristina sempre foi muito ligada a La Campora, especialmente por sua afinidade com o socialismo desde a juventude.



Apesar da vitória política no episódio da YPF, Cristina se viu diante de uma realidade complexa nos anos seguintes à nacionalização. O país ficou ainda mais à margem do mercado de crédito internacional (Cantamutto, 2020) e, conseqüentemente, não havia recursos suficientes para que a nova YPF estatal pudesse desenvolver Vaca Muerta. A nova jazida de petróleo e gás representou um grande desafio para Cristina Kirchner, pois a retórica nacionalista e populista precisava estar em sintonia com os aspectos técnicos do projeto.

Assim, de uma forma contraditória e controversa, Cristina Kirchner anunciou a assinatura de um contrato com poderosas multinacionais do setor para a exploração de Vaca Muerta (Risso, 2022). Mais do que isso, a principal investidora neste novo modelo de exploração era a Chevron, um ícone do capitalismo norte-americano. Em meio as ferozes denúncias do governo contra o FMI e os chamados “fundos abutres”, essa aproximação com empresas estadunidenses trazia desconforto as campo kirchnerista. Por sua vez, o governo defendeu a medida quando afirmou que o interesse nacional estava seguro, pois a YPF seria a detentora da maioria dos direitos de exploração (Lucero, 2021).

Além disso, a exploração de Vaca Muerta trouxe outras questões importantes que atingiam o núcleo ideológico do governo. O governo kirchnerista se apresentava como um ente protetor dos vulneráveis, que era um elemento essencial da união dos blocos de esquerda existentes no peronismo que davam suporte à Cristina. Neste contexto, o discurso de proteção do meio ambiente e dos povos originários era valorizado. No entanto, as técnicas de exploração utilizadas na jazida eram altamente poluentes, comprometendo dramaticamente o ecossistema (Gutierrez Rios, 2019). Os conflitos com os povos Mapuches também se intensificaram nas regiões de exploração, colocando o Estado argentino em uma posição bastante incômoda (Pérez Roig et al., 2016).

Nos últimos dez anos, a produção da reserva de Vaca Muerta aumentou significativamente. Em 2011, a produção foi de apenas cerca de 14.000 barris de óleo por dia (b/d), enquanto em 2020 atingiu cerca de 150.000 b/d (Hidrocarburos, 2023). O aumento da produção pode ser atribuído a vários fatores, incluindo o desenvolvimento de novas tecnologias, aumento de investimentos e políticas governamentais favoráveis.



Apesar do crescimento significativo da produção, alguns desafios têm sido enfrentados pela indústria, incluindo o alto custo de produção e restrições de infraestrutura.

Mesmo com pesados investimentos feitos na reserva, ela ainda está longe de ter atingido o seu potencial pleno. Em 2015, no último ano de governo de Cristina Kirchner, o déficit energético argentino era quatro vezes maior que em 2010 (Cantamutto, 2020). Ainda hoje, o país é um importador de energia e a promessa de se tornar um grande exportador de petróleo e gás acabou não se concretizando. As inúmeras dificuldades enfrentadas pela economia argentina, que vão desde a inflação crônica até a baixa produtividade, comprometem o desenvolvimento do setor de energia.

Se o desempenho da nova YPF nacionalizada foi errático, no campo simbólico e político a estatização atingiu plenamente os seus objetivos. O retorno da YPF ao controle do Estado permitiu ao kirchnerismo utilizar a empresa de uma forma eficiente para a promoção de uma agenda econômica nacionalista e desenvolvimentista. A nova YPF reforça a ideia de identificação com os símbolos nacionais (futebol, tango) na projeção de um futuro próspero e de uma nação pujante, tendo o kirchnerismo como pano de fundo (Gutierrez Rios, 2019).

Acima de tudo, como visto durante esse segmento, o nacionalismo e o populismo se tornaram ferramentas bastante efetivas na construção do capital político do kirchnerismo. A adoção de uma postura nacionalista, através da retomada de uma ideia de nação concebida nas origens do Peronismo, possibilitou que Nestor e Cristina Kirchner se consolidassem na liderança política do país. A utilização da retórica e de políticas nacionalistas acabaram por ampliar a base de poder dos Kirchner dentro do partido, estabelecendo uma era de domínio sobre a política argentina.

## CONCLUSÕES

Em novembro de 2022, Cristina Kirchner, agora na vice-presidência do país, refletia sobre o significado da nacionalização da YPF após dez anos. Ela defendeu a medida como uma “decisão de futuro” e como uma “decisão realista” (Cristina Kirchner, 2022). Nesse discurso, Cristina enfatizou a importância do tema petróleo no ideário Kirchnerista. Ela criticou o neoliberalismo, e se definiu como “pragmática”, justamente por ser nacionalista. Para a líder peronista, a adoção do nacionalismo econômico é uma



“alternativa lógica”, enquanto os verdadeiros “ideólogos” seriam os neoliberais que apoiaram as políticas implementadas por Macri e Menem (Cristina Kirchner, 2022).

No entanto, a recente decisão (setembro 2023) da justiça de Nova York que obriga a YPF a pagar US\$ 16 bilhões para os antigos acionistas minoritários mostra que a nacionalização da petroleira ainda é um fantasma que vai pairar sobre o governo argentino por muito tempo (Stempel e Raymond, 2023). A decisão não poderia ter vindo em pior hora, já que o país enfrenta uma profunda crise econômica marcada pela inflação galopante e pela escassez de dólares na economia formal. Como a YPF tem as suas ações cotadas em Wall Street, isso significa que todos os bens da empresa e do governo argentino, que porventura, estejam ao alcance da justiça americana, podem vir a ser penhorados como garantia do pagamento. Por fim, o fato de que a família Eskenazi é uma das maiores beneficiárias dessa sentença, renova o debate sobre a política energética durante os governos de Nestor e Cristina Fernandez de Kirchner em um contexto de forte polarização política.

A adoção de uma postura nacionalista juntamente com políticas econômicas desenvolvimentistas foi decisiva para a consolidação dos Kirchner. Além disso, a implementação de uma retórica populista foi igualmente importante para o avanço do projeto de retomada do protagonismo estatal na economia argentina. Assim, o uso político do sentimento nacionalista permitiu ao Peronismo Kirchnerista afirmar a sua posição de supremacia na política argentina, sendo um instrumento importante nas vitórias eleitorais entre 2003 e 2019.

Certamente, Nestor e Cristina Fernandez de Kirchner não foram os primeiros, e nem serão os últimos, a utilizarem o petróleo como um instrumento de poder. Apesar da performance oscilante da YPF desde 2012, a nacionalização foi um passo importante no estabelecimento do Kirchnerismo no imaginário nacional. Além disso, o nacionalismo petroleiro consolida a ideia de nação soberana junto ao eleitorado Peronista. E, por fim, tal política ajuda a marcar posição contra a concepção de uma Argentina globalizada e neoliberal, adotada pela oposição (PRO, UCR e LLA).

Finalmente, o estudo deste tema é essencial para demonstrar que o equilíbrio entre retórica e prática no campo da energia é algo muito complexo. Ao passo que o interesse



nacional deve estar no centro de qualquer política para o setor de petróleo e gás, sendo mais do que uma simples commodity, a finalidade do setor é a oferta de energia barata e abundante. Em um cenário ideológico polarizado, as questões técnicas acabam perdendo importância. Dessa forma, o caso argentino mostra que o nacionalismo petrolero ainda é uma ferramenta poderosa na política latino-americana, mas que ele, por si só, não é suficiente para resolver problemas estruturais enfrentados pelo setor.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Anderson, B. (1985). *Imagined communities: reflections on the origin and spread of nationalism*. London, England: Verso.

Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo*. São Paulo: M. Fontes.

Bethell, L. (ed.) (1993) *Argentina since Independence*. Cambridge, England: Cambridge University Press.

Bilmes, J. and Liaudat, S, and Carbel, A, (2022) ‘Resurgimiento de la planificación del desarrollo en Argentina : logros, limitaciones y aprendizajes de la experiencia kirchnerista (2003-2015)’, *Prospectiva y estudios del futuro: epistemologías y experiencias en América Latina*, pp. 255-279.

Brennan, J. P. (ed.) (1998) *Peronism and Argentina*. Lanham, MD: Scholarly Resources.

Candeas, A. (2017). *A Integração Brasil-Argentina: História De Uma Ideia Na “visão Do Outro”*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão.

Cantamutto, F. J. (2017) ‘Fases del kirchnerismo: de la ruptura a la afirmación particularista’, *Convergencia revista de ciencias sociales*, (74).

Cantamutto, F. J. (2020) ‘Vaca Muerta y las elusivas promesas de desarrollo en Argentina’, *Ensayos de Economía*, 30(56), pp. 185–209.

Centro de inversores (2023) Ypf.com. Disponível em: <https://www.ypf.com/inversoresaccionistas/Paginas/informacion-financiera.aspx> [Acesso em: 20 Abr. 2023].



Ceppi, N. P. (2017) 'Política energética argentina: un balance del periodo 2003-2015', *Problemas del desarrollo*, 49(192). DOI: 10.22201/iiec.20078951e.2018.192.58745.

Clarín.com (2006) El superávit fiscal de 2005 fue un récord: \$ 19.661 millones, Clarín. Disponible em: [https://www.clarin.com/ediciones-anteriores/superavit-fiscal-2005-record-19661-millones\\_0\\_rkfM6VLJ0Ye.html](https://www.clarin.com/ediciones-anteriores/superavit-fiscal-2005-record-19661-millones_0_rkfM6VLJ0Ye.html) [Acesso em: 21 abr. 2023].

Dachevsky, F. (2022). 'Acumulación de capital y particularidades en el nacionalismo petrolero argentino', *Anuario Centro de Estudios Económicos de la Empresa y el Desarrollo*. (N18), pp.23–54.

Dachevsky, F. (2014). "Nacionalismo petrolero y peronismo: De la nacionalización de la tierra al régimen de contratos (1946-1955)". *Trabajo y sociedad*, (23), pp.267-286.

DeLANEY, J. (2020) *Identity and nationalism in modern Argentina: Defending the true nation*. Boston: University of Notre Dame Press.

Dornbusch, R. & Edwards, S. (1991). *The macroeconomics of populism in latin america*. University of Chicago Press.

Einstross, A. (2021). El barco de la energía no tiene rumbo, *Instituto de La Energia Argentina*. Disponible em: <https://www.iae.org.ar/2021/04/16/el-barco-de-la-energia-no-tiene-rumbo/> [Acesso em: 5 Mar. 2023].

CLARFELT, H.; DUGUID, K. (2005a). 'All to Play for on Investment as Leftwing Leadership Revisits a Decade of Disposal', *Financial Times*, 5 September, p. 13.

*Financial Times* (2005b) 'Ancillary Season', 1 June, p. 18.

LANCIOTTI, N. Gadano, Nicolás, Historia del petróleo en la Argentina. 1907-1955: Desde los inicios hasta la caída de Perón, Buenos Aires, Edhasa, 2006. H-industria. *Revista de historia de la industria y el desarrollo en América Latina*, n. 3, p. 1–1, [s.d.].

Gerchunoff, P. A. O. K. (2018) '¿Y ahora qué hacemos? La economía política del kirchnerismo', *Desarrollo Económico*, (57), pp. 363–397.



Grimson, A. (2019) *¿Qué es el Peronismo?: De Perón a los Kirchner el Movimiento que no Deja de Conmover La Política Argentina*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores.

Gutiérrez Ríos, F. (2019). 'La Vaca Muerta no dejó ver el bosque: tres tendencias del desarrollo del fracking en Argentina en el periodo 2012-2019'. *Estudios Latinoamericanos*, (44), pp.147–167.

Hidrocarburos (2017) Argentina.gov.ar. Disponible em: <https://www.argentina.gov.ar/economia/energia/hidrocarburos> [Acesso em: 20 abr. 2023].

Hobsbawm, E. & Ranger, T. (2012). *The invention of tradition*. Cambridge, England: Cambridge University Press.

International - U.S. Energy Information Administration (EIA) (2023) Eia.gov. Disponible em: <https://www.eia.gov/international/data/world> [Acesso em: 20 abr. 2023].

Kirchner, C.F. (2012) Cristina anuncia la recuperación de YPF por parte del Estado Nacional (2012). Disponible em: <https://www.cfkargentina.com/cristina-anuncia-la-recuperacion-de-ypf-por-parte-del-estado-nacional/> [Acesso em : 20 abr. 2023].

Kirchner, C.F. (2022) Discurso completo en el acto por los 100 años de YPF y los 10 de su recuperación. Disponible em: <https://www.cfkargentina.com/discurso-completo-en-el-acto-por-los-100-anos-de-ypf-y-los-10-de-su-recuperacion/> [Acesso em: 20 Abr. 2023].

Lucero, M. P. (2021) 'Política energética, regalías hidrocarburíferas y extractivismo en las provincias argentinas. El caso de Vaca Muerta (2011-2019)', *Polis*, 20(58), pp.141-159.

Mendelevich, P. (2012) Cristina y Néstor: un proyecto, dos estilos, *La Nación*. Disponible em: <https://www.lanacion.com.ar/opinion/cristina-y-nessor-un-proyecto-dos-estilos-nid1518770/> [Acesso em: 02 mar. 2023].

Negocios, B. A. E. (2017) YPF emitirá bonos por hasta 1.500 millones de dólares para refinanciar su deuda, *BAE Negocios*. Disponible em: <https://www.baenegocios.com/economia-finanzas/YPF-emitira-bonos-por-hasta-1.500->



millones-de-dolares-para-refinanciar-su-deuda-20171207-0006.html [Acesso em: 20 Abr. 2023].

Pérez Roig, D., Scandizzo, H., & di Risio, D. (2016). *Vaca Muerta. Construcción de una estrategia*. Buenos Aires: Ediciones del Jinete Insomne.

“Petro-Nationalism: The Futile Search for Oil Security.” (2015), *The Energy Journal*, (36), pp. 25–42.

Bueno, M. (2014) ‘La Política Minera En La Argentina Y El Modelo Extractivista’, *Foro Internacional*, pp. 106–30.

Reato, C. (2021) Néstor Kirchner vs. CFK, Ceferino Reato y las diferencias, *Urgente 24*. Disponible em: <https://urgente24.com/foco/nelstor-kirchner-vs-cfk-ceferino-reato-y-las-diferencias-n529017> [Acesso em: 2 mar. 2023].

Risso, N. (2022) YPF: Una recuperación necesaria, *Página12*. Disponible em: <https://www.pagina12.com.ar/415647-ypf-una-recuperacion-necesaria> [Acesso em: 20 abr. 2023].

Schuttenberg, M.; Rosendo, J. (2015). ‘El kirchnerismo antes del kirchnerismo: Aproximaciones ideológicas en los albores del gobierno de Néstor Kirchner’, *Revista Estado y Políticas Públicas* (5), pp. 63-80.

Shever, E. (2012) *Resources for reform: Oil and neoliberalism in Argentina*. Palo Alto, CA: Stanford University Press.

Solberg, C. (1979) *Oil and nationalism in Argentina: A history*. Palo Alto, CA: *Stanford University Press*.

Stempel, J., Raymond, N. (2023) US judge says Argentina owes about \$16 billion after YPF payout trial. Disponible em: <https://www.reuters.com/legal/us-judge-rules-against-argentina-following-ypf-payout-trial-2023-09-08/> [Acesso em: 11 out. 2023].



*The Economist* (2008) 'Face value', 17 May, p. 86.

*The Economist* (2009) 'A good bet?', 2 May, p. 69.

*World Bank* (2023) World Bank Open Data. Disponível em: <https://data.worldbank.org/country/AR> [Acesso em: 20 abr. 2023].

Wylde, C. (2012) *Latin America After Neoliberalism: Developmental Regimes in Post-Crisis States*. Basingstoke, England: Palgrave Macmillan.

Yergin, D. (2012) *The prize: The epic quest for oil, money & power*. London, England: Simon & Schuster.

Zunino, N. K. A. (2013) 'La cobertura mediática de la estatización de YPF en la prensa argentina: un análisis comparativo entre los principales diarios del país', *Global Media*, 10(19), pp. 1–25.

